

FÁBIO GIAMBIAGI – Os rumos da Economia brasileira.

RESUMO:

O medo de um novo período de inflação descontrolada e juros altos fazem com que os investidores brasileiros tomem precauções que desaceleram a economia nacional, acontecendo uma “lenta desancoragem das expectativas”. Para discutir esse assunto, o economista Fábio Giambiagi foi convidado a proferir uma palestra na UniBrasil com o objetivo de explicar para alunos e professores da Escola de Negócios as perspectivas econômicas para o Brasil em 2013.

ARTIGO:

O barulho das máquinas de (re)marcar preços no supermercado ficou apenas na memória de muitos brasileiros. A famosa “compra do mês”, tão comum até meados da década de 1990, não faz mais parte do planejamento familiar. O fantasma inflacionário está assustando menos. Mas será que no ano em que o tomate tornou-se um vilão, tendo o preço comparado à carne e sendo motivo de chacota nas redes sociais, esse fantasma realmente não é mais temido? Este e outros temas da economia nacional foram assuntos para a palestra de Fábio Giambiagi no Academia Unibrasil.

Economista, filho de argentinos e criado no país vizinho, Giambiagi graduou-se na Universidade Federal do Rio de Janeiro e é mestre em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente, integra o Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade e o Departamento Econômico do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Já escreveu livros em colaboração com Armano Castelar (Rompendo o Marasmo – a Retomada do Desenvolvimento no Brasil), Roberto Zentgraf (O Futuro é hoje – Educação Financeira para não economistas), Marcio Garcia (Risco e Regulação) e Ana Claudia Além (Finanças Públicas – Teoria e Prática no Brasil), além de ser considerado um dos maiores nomes do Brasil em finanças públicas e em previdência social.

Giambiagi foi convidado para proferir uma palestra nas Faculdades Integradas do Brasil, no projeto Academia Unibrasil, a fim de explicar para alunos e professores da Escola de Negócios as perspectivas econômicas para o Brasil em 2013. Em pouco mais de uma hora, Giambiagi fez uma contextualização do cenário econômico e quais rumos o Brasil está tomando.

A declaração do ex-presidente Lula, “é apenas uma marolinha”, referindo-se à crise econômica de 2008, talvez tenha acalmado uma população temerosa com um passado de crises. Segundo o economista, 2008 foi um ano desastroso, seguido de mais um ano ruim, mas, ao longo dos doze meses seguintes, o Brasil foi se recuperando, chegando “ao espetacular 2010” (GIAMBIAGI) e tendo uma estagnação em 2011. É importante lembrar que a Europa passou por outra grande crise no biênio 2011-2012, porém, o que seria algo como tsunami há 20 anos, agora não influenciou tanto a economia mundial, havendo, inclusive, uma dicotomia com o que aconteceu na Europa e no Brasil. Porém, mesmo não sofrendo com essa crise, o Brasil está passando por uma “hiperatividade paralisante” (GIAMBIAGI), na qual, de acordo com o economista, a cada semana há uma decisão. São medidas antagônicas em que o que é decidido hoje é mudado na próxima semana, gerando, com isso, uma insegurança em parte da população e, principalmente, nos investidores.

A inflação está voltando a ser um problema e muitas dúvidas estão pairando as cabeças empresariais. O grande problema é a “lenta desancoragem das expectativas”, os empresários, juntamente com a opinião pública, não acreditam mais nas previsões feitas pelo governo, e isso, para investimentos em longo prazo, torna-se complicado. O Banco Central faz previsões para a inflação, porém, quando se olha para o que a instituição esperava para o futuro, ela foi sendo, quase que sistematicamente, superada. A previsão de 5% para os doze meses (março/2012 – março/2103) foi superada pelos 6,6% que de fato ocorreram. Na prática, estamos indo para o quarto ano em que a meta da inflação não é cumprida, ou seja, ninguém mais acredita nas previsões do governo e ainda assim temos que trabalhar com números incertos.

Giambiagi falou também sobre a Petrobrás, um dos orgulhos do Brasil. No governo Fernando Henrique Cardoso, ocorreu o fim do monopólio da estatal e, segundo o economista, não houve nada que fizesse tão bem a ela quanto esse fim. De 1996 a 2008, a Petrobrás viveu sua época de ouro, ela passou a ser uma empresa mais moderna. Os problemas vieram com a mudança de governo. Em 2009, mudou-se o regime, acabando o regime de concessão, não havendo mais licitações. De acordo com Giambiagi, a partir de 2011, “acordou o monstro do conflito federativo”.

As exportações e importações também foram abordadas pelo palestrante. Houve uma queda nas exportações e um aumento das importações no Brasil, como pode ser visto na tabela abaixo:

	1999/2004	2004/2012
Exportações	11,2	3,4
Importações	2,2	11,9
PIB	3,0	3,6

Fonte: palestra Fábio Giambiagi – 12 de abril de 2013 – Faculdades Integradas do Brasil

E como esse panorama afeta os juros? Não existem mais aqueles juros absurdos do passado, ocorrendo uma tendência de redução. O Brasil cresceu de 2003 em diante, foram 4% ao ano, com um crescimento do emprego de 2,5% ao ano. O índice atual de desemprego está baixo, ocorrendo pleno emprego, ou seja, uma taxa de 5% de desemprego no país, o que não implica um problema social, pois normalmente este desempregado fica entre um e dois meses sem trabalho. Em muitos setores, está difícil contratar mão-de-obra especializada, fazendo com que o mercado busque novas opções ou aumente o salário para atrair esses trabalhadores. Segundo Giambiagi, quando chegamos ao pleno emprego, a população com idade de trabalho está diminuindo, podendo vir a ser um problema futuro.

Por fim, o economista traçou as perspectivas para 2015: esgotamento do potencial de reserva da mão-de-obra, uma possível pressão inflacionária e o aumento da taxa de juros. Agora é esperar para conferir cada uma delas e como o Governo vai reagir.

AUTOR:

Professora Carolina Pineli, Coordenadora dos cursos de Relações Públicas e Secretariado Executivo das Faculdades Integradas do Brasil – UniBrasil